

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CASA
16 e 28 de Abril de 2026

MARX PUÒ ASPETTARE / 2021
(Marx Pode Esperar)

Um filme de Marco Bellocchio

Realização e Argumento: Marco Bellocchio / Direcção de Fotografia: Michele Cherchi Palmieri e Paolo Ferrari / Som: Riccardo Milano / Montagem: Francesca Calvelli / Com: Marco Bellocchio, Alberto Bellocchio, Letizia Bellocchio, Maria Luisa Bellocchio, Piergiorgio Bellocchio, Elena Bellocchio, Francesco Bellocchio, Pia Bareggi, Virgilio Fantuzzi, Luigi Cancrini, etc.

Produção: Kavac Film – IBC Move – Tenderstories - RAI / Produtores: Beppe Caschetto e Simone Gattoni / Cópia: digital, cor e preto e branco, falada em italiano com legendas em português / Duração: 90 minutos / Estreia em Portugal: 21 de Julho de 2022.

Não será caso para chamar por Poe e falar de uma “queda da casa Bellocchio”,mas **Marx Può Aspettare** é, indubitavelmente, um filme sobre a casa Bellocchio e sobre uma queda que aconteceu dentro dela – o suicídio de Camillo Bellocchio, irmão gêmeo de Marco. **Marx Può Aspettare** leva a expressão “filme de família” a um sentido radical, como se tratasse de sacudir uma maldição ou, pelo menos, de a enfrentar olhos nos olhos.

Começa por nos apresentar uma pequena multidão de Bellocchios, septuagenários e octogenários, reunidos para um almoço em família. São os muitos irmãos e irmãs de Marco Bellocchio, mais os filhos, os sobrinhos, as noras e os genros. Depois das primeiras cenas, com as amenidades e os cumprimentos típicos de um encontro familiar, rapidamente percebemos que entre os que faltam há uma ausência especial. A de Camillo, que se suicidou nos últimos dias de 1968, dois dias depois do Natal. Esse suicídio, inesperado para todos os outros, que ninguém percebeu na altura, que ninguém foi capaz de prever, ficou como uma ferida aberta no seio da família Bellocchio, um abismo. **Marx Può Aspettare** foi o filme com que, mais de cinquenta anos depois, Marco obriga a família a olhar de frente para esse abismo, e lidar com os remorsos e um difuso sentimento de culpabilidade, a lidar com a dor que ficou, e sobretudo com a incompreensão. Como uma sessão de terapia semi-voluntária e semi-forçada, Bellocchio põe toda a família a falar sobre o assunto – e até mais do que só a família (encontra, por exemplo, a irmã da namorada de Camillo, não se dizendo nada sobre o destino dessa namorada, se ainda estava viva mas não quis falar, ou se já não estava viva na altura em que o filme foi feito).

Como a própria voz “off” do realizador explica, foi determinante uma certa urgência, a urgência da última oportunidade: não haveria muito mais tempo para fazer este filme

com a família toda (e Piergiorgio Bellocchio, o mais notável dos irmãos de Bellocchio, escritor, editor, crítico literário, morreu mesmo pouco depois da estreia do filme). Mas a obra de Bellocchio está cheia de referências e reflexos da morte do irmão, assim como a outros aspectos e episódios da sua vida familiar, e há um filme (**Gli Occhi, la Bocca**), que praticamente a reconstitui em forma ficcional. Estes reflexos são trazidos para o filme através da montagem, o que faz um dos aspectos mais interessantes, o facto de funcionar em grande parte como um “*Bellocchio por Bellocchio*”, pela quantidade de excertos de filmes seus que o realizador integra na montagem, fragmentos que, pelo “raccord” criado com o momento da conversa em que surgem, são uma espécie de desvelar da pulsão autobiográfica da obra de Bellocchio. Evidentemente, para falar de Camillo e do seu suicídio é preciso dar o enquadramento familiar, falar das infâncias, falar do pai, da mãe, do tempo e da vida de cada um deles – e nesse sentido, o filme é mesmo um retrato da “casa Bellocchio”.

Neste filme-inquérito, em que os vários intervenientes partilham ângulos diferentes sobre o mesmo abismo (é uma estrutura de **Citizen Kane**...), a revelação do sentido do título, aquele “Marx pode esperar”, aparece como uma espécie de “rosebud”. Foram as últimas palavras que Bellocchio ouviu do seu irmão, naquele ano de 1968 em que o empenho político de Marco estava ao rubro. No derradeiro encontro com o irmão, achando-o um pouco em baixo, tentou animá-lo com o entusiasmo pela “revolução”. E o irmão respondeu-lhe aquilo, que “Marx pode esperar”. Impossível, para Marco, compreender a quantidade de angústia e de desespero que aquelas palavras mascaravam. Já não se podiam perceber um ao outro, e havia também a questão de Marco já ser um realizador consagrado (o primeiro filme, **I Pugni in Tasca**, de 1965, fora um sucesso crítico, **La Cina è Vicina** ganhara um Leão de Prata em Veneza) enquanto o irmão ainda não tinha encontrado um caminho para seguir. Esta disparidade dos percursos – dois gémeos, um famoso, outro anónimo – é outra coisa bastante dissecada no filme, mas permanece parte do segredo de Camillo. E esse segredo, embora seja virado do avesso durante o filme, através das recordações dos vários intervenientes – às vezes coincidentes, outras desencontradas, sempre mais doces no caso das irmãs Bellocchio e por vezes bastante cruéis quando falam os irmãos Bellocchio – permanece, no fim de contas, aquilo que é: um segredo, um mistério. Nenhum dos irmãos encontra a luz certa para aclarar as perguntas fundamentais (quem era Camillo? como viveu? porque é que se matou?) mas a possibilidade de, como numa terapia familiar, fazerem algum caminho em direcção a essa luz, é das coisas mais tocantes de **Marx Può Aspettare**.

Por tudo isto, também é o filme mais confessional de Marco Bellocchio, até pela forma como revela com uma franqueza brutal (a montagem de excertos dos filmes antigos) o quanto há de confessional na sua obra. Mas se o filme tem uma luz fria, analítica, que pode ser muito severa no julgamento de Camillo e da restante família, não exclui – pelo contrário – a severidade autocrítica dos vários irmãos, parece realmente uma família abençoada (ou amaldiçoada, voltando a Poe...) pela lucidez. De certo modo, é essa lucidez, e a maneira como o realizador põe a família a partilhá-la, que faz do filme um gesto de comunhão, um gesto de amor, o amor de todos por todos. E isso é mesmo muito comovente, belíssimo.

Luís Miguel Oliveira